

P@X boletim online

JOVENS, MARGINALIZAÇÃO E VIOLÊNCIA

SUMÁRIO:

Editorial	1
<i>Katia Cardoso e Sílvia Roque</i>	
Teoria da P@X	2-4
"Como lidam as sociedades agrárias africanas com o potencial de violência dos seus jovens? Algumas considerações."	
<i>Ulrich Schiefer</i>	
Observatório das P@xes	5-6
Estudos da P@x	
"Cabo Verde: juventude e guerra ao crime"	
<i>Lorenzo Bordonaro</i>	7-9
"Armas ligeiras: um problema da Guiné-Bissau?"	
<i>Ana Leão</i>	10-13
Sotão do NEP	14-16
Publicações	
Actividades	

P@X

Coordenação NEP/CES:
Maria Raquel Freire e Tatiana Moura

Número temático organizado por:
Katia Cardoso e Sílvia Roque

Coordenação do Boletim P@X:
Rita Santos e Sofia Santos

Edição, tradução e revisão:
Rita Santos e Marta Peça

Núcleo de Estudos para a Paz
Centro de Estudos Sociais da Faculdade de
Economia da Universidade de Coimbra
Colégio S. Jerónimo, Apartado 3087
3001-401 Coimbra
Portugal
Tel: + 351 239 855593
Fax: + 351 239 855589
<http://www.ces.uc.pt/nucleos/nep>
nep@ces.uc.pt

Editorial

A violência urbana juvenil é muitas vezes vista como um fenómeno espontâneo resultante da pobreza ou mera expressão da instrumentalização criminal e política. Ao contrário da guerra, é difícil identificar concretamente os objectivos e as condições da sua organização. No entanto, em muitos contextos, a paz também passa por projectos políticos violentos baseados no controlo das sociedades e concretamente no controlo do potencial de violência dos jovens, sobretudo homens.

Em contextos distintos como Bissau (Guiné Bissau) e Cidade da Praia (Cabo Verde) encontramos, em diferentes escalas, traços de uma paz baseada na desigualdade, na submissão e na não democratização das relações de poder e dos recursos. Grande parte dos jovens enfrenta a marginalização e exclusão social, o desemprego e a falta de acesso à educação de qualidade, bem como aos processos de decisão política.

Em lugar de acentuar os processos de criminalização destes jovens pobres de países periféricos, para os quais L. Bordonaro nos chama a atenção, é necessário analisar as formas de violência e controlo a que estão e de que são sujeitos e como estas determinam reacções violentas ou não de reivindicação de outros estatutos. Importa, por conseguinte, superar a perspectiva dominante que estigmatiza esses jovens considerando-os ameaças: candidatos à emigração, agitadores e criminosos, consumidores e vendedores de droga ou prostitutas e portadores de HIV/SIDA.

Se é verdade que algumas sociedades conseguem ainda evitar a formação de gangs através de processos sociais próprios e alheios ao Estado – como ilustra o texto de U. Schiefer –, outras estão mais influenciadas por modelos de consumo globalizados que, perante desigualdades sociais crescentes,

propiciam o surgimento de formas embrionárias de organização e expressão violentas, como tem vindo a acontecer na Cidade da Praia. No entanto, não há sociedades estáticas. Fruto da urbanização, da individualização, das mudanças nas relações familiares e de proximidade, das migrações, muitas vezes frustradas, da proliferação da internet, do acesso a modos de vida distintos através da música e televisão, os jovens africanos, tal como as sociedades, em geral, têm aspirações semelhantes aos jovens de todo o mundo. A par da adopção de estilos de vida, de desejos e hábitos de consumo globalizados, factores como a disponibilidade de armas ligeiras – tema tratado no texto da A. Leão – e a existência de mercados ilegais de droga, podem, no entanto, vir a funcionar como facilitadores de uma socialização cada vez mais violenta.

Katia Cardoso/ Sílvia Roque